ISSN 2447-9357

MEU ARAGUAIA, MUITOS RIOS NO PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO

Carla Edieni da Silva Alves 1,
Maria de Fátima Oliveira 2

1- Discente do Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER), nível mestrado, da Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Bolsista UEG.
E-mail: carlaedieni@hotmail.com
2- Doutora em História (UFG). Professora no Câmpus de Ciências Socioeconômicas e Humanas da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Docente no Programa de Mestrado Interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER).
E-mail: Proffatima@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho pretende fazer uma interface das ciências sociais e história regional, capaz de constituir o conhecimento das transformações e usos do rio Araguaia a partir dos discursos de progresso e ações que modificaram o ambiente e as relações sociais no território goiano. Uma vez que, o processo de povoamento das margens do rio Araguaia não só alterou o espaço como também a paisagem e o meio ambiente. Desse modo, almeja-se buscar em Bourdieu e as estruturas discursivas que condicionam o pensamento do homem em determinadas épocas o entendimento de espaço social e simbólico, além, das mudanças e continuidades que transformaram o Araguaia em espaço de lazer na contemporaneidade.

Palavras-chave: Araguaia - espaço social – Bourdieu - lazer

Introdução

O rio Araguaia tem suas nascentes localizadas na serra Caiapó, a sudoeste do estado de Goiás. A direção do Araguaia é sul norte, daí inclina-se para NE até o paralelo 6º e depois dirige-se para NO até juntar-se ao Tocantins no Bico do Papagaio nas proximidades de S. João do Araguaia (atual região metropolitana de Marabá-PA). Durante seu curso percorre cerca de 2.071 quilômetros e divide-se em dois braços que formam a ilha do Bananal, a maior ilha fluvial do mundo. Seu regime está condicionado às chuvas de verão (de dezembro a abril). Os principais afluentes pela margem esquerda são: Barreiros, cristalino e rio das Mortes. Pela margem direita: Caiapozinho, Claro, Agua Limpa, Vermelho, Crixá-açu e rio do Peixe. (MAPA TRANSPORTE.GOV.BR, 2014)

No século XIX as deficiências de transportes, longas distâncias, falta de investimentos e precariedade das estradas goianas foram fatores que se apresentaram como os grandes empecilhos para desenvolver a economia de Goiás. Neste contexto o rio Araguaia passou a ter

ISSN 2447-9357

o papel de desenvolver a comunicação e o comércio com o centro norte do País com a intenção de ocupar e transformar seu espaço, cumprindo o papel de eixo da economia da Província. Desde então as representações da paisagem[1] do rio Araguaia não constituem, discursos neutros, ao contrário produzem estratégias e práticas (sociais e políticas) capazes de legitimar os projetos de apropriação do seu espaço. Segundo Bourdieu (1996, p.15), "não podemos captar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada".

O Rio Araguaia, belo e selvagem, estava no imaginário de conquistadores, como Couto Magalhães em 1863, que desconsiderando a população indígena habitante das suas margens, acreditou tratar-se àquela região de um espaço "*vazio*" a ser povoado. Suas ideias partiam do aparato ideológico dominante da época, a coroa portuguesa, pois "as ideologias, por oposição ao mito, produto *colectivo e colectivamente* apropriado, servem a interesses universais, comuns ao conjunto do grupo", declara Bourdieu (2012, p.10). Assim pode-se perceber que o imaginário da prosperidade funcionou como uma força motivadora nas diferentes etapas de ocupação das margens do rio Araguaia, caracterizado como força motriz dos deslocamentos para o sertão goiano, em que os impedimentos e mitos inibidores eram substituídos por uma nova visão mitificada do território a ser desbravado.

A formação do espaço goiano começa com a mineração, e no século XIX o período de predomínio econômico ocorrido a tempos atrás é relembrado com saudosismo como a "idade do ouro", isso nutriu a busca pelo desenvolvimento econômico e do progresso da Província de Goiás vislumbrado por novas estratégias econômicas, por uma sociedade branca, ainda que pequena, mas com ideal eurocêntrico e desejosa de civilização, especialmente na perspectiva dos presidentes da província, privilegiados por suas funções de poder.

Na concepção de Bourdieu (1996, p.18), trata-se de "propriedades que lhes cabem em um momento dado, a partir de sua posição em um espaço social determinado e em uma dada situação de oferta de bens e práticas possíveis". Assim, os governantes da província, reivindicavam melhorias para desenvolver ao mesmo tempo a agricultura, comércio e povoamento as margens do rio Araguaia com a implantação de presídios. Estes representaram o poder material e simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos

[1] **Paisagem enquanto conceito geográfico segundo Milton Santos é diferenciada e compartimentada entre "paisagem natural", que reflete a interação dos elementos naturais (relevo, vegetação, solo, rios, etc.) e "paisagem cultural", como o resultado da ação do homem e da sociedade sobre a natureza, da qual resulta os espaços. A paisagem como objeto pode ser sentida pelo homem, trazendo-lhe inúmeras sensações e sentimentos.**

ISSN 2447-9357

nessas relações, podem acumular poder simbólico. A implantação dos presídios as margens do Araguaia não foi um fato isolado ou experimental, fazia parte de uma estratégia de proteção mais abrangente que vinha ocorrendo nas colônias portuguesas e espanholas ao longo de dois séculos e meio afirma Carvalho (2010, p. 25).

A penetração na região do rio Araguaia ocorreu sem considerar as civilizações indígenas, e o configurou como região de fronteira durante a instalação de políticas para o desenvolvimento da fronteira da "civilização". Bourdieu mostra que:

> É enquanto instrumento estruturados e extruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados. (BOURDIEU, 1996, P. 11).

A política de povoamento e aldeamento consistia em integrar a população indígena no processo de colonização, principalmente devido sua mão de obra, conhecimento do território e prática de navegar o rio, fatores importantes para o projeto de estabelecimento de navegação do Araguaia. O desenvolvimento das comunicações atrelava-se tanto ao objetivo geopolítico ligado à integração do país quanto à questão do progresso da Província de Goiás pensado por idealizadores como Couto Magalhães[2] e seu desejo de estabelecer o comércio via a navegação do rio Araguaia. Segundo ele a navegação não havia prosperado anteriormente porque as margens do rio eram "desertas". As margens do rio Araguaia, especificamente, eram caracterizadas como um lugar inóspito, no entanto, vislumbrada por Couto de Magalhães como uma região rica em elementos naturais, mas sem infraestrutura e "civilização" (MAGALHÃES, 1974, p. 94).

Os sistemas ideológicos estavam sendo produzidos na luta pela hierarquia legitimado pelo capital econômico e produção simbólica. Os presídios que se fortaleceram ao final da década de 1850 cumpriam a função pela qual foram criados, aumentando a população, rebanho bovino e fundamentalmente prestação de socorro aos comerciantes que ali passavam com embarcações carregadas de produtos trazidos do Pará. Mas, no tocante à navegação do Araguaia, não houve resultado concreto, e em 1888 esta foi suspensa, culminando em perspectivas econômicas pouco animadoras e prejuízos incalculáveis. Findando o Império, começou a declinar a navegação do Araguaia que nascera como um sonho de grandes

[2] José Vieira Couto de Magalhães. Presidente da Província de Goiás em 1863. (In. http://www.crl.edu/content/brazil/goi.htm Acesso em: 20 de julho de 2015.

ISSN 2447-9357

benefícios para toda a Província, mas no final do século XIX não havia cumprido o papel de veículo integrador no processo de desenvolvimento do Brasil.

Durante o período republicano, o discurso de modernização para Goiás se estende a região do Araguaia e aparece sob a forma de capital estrangeiro, mudando os rumos de se pensar as vias de comunicação fluvial para terrestre, este discurso se deu na perspectiva de uma facção política (capital político) na esfera estadual que via na estrada de ferro, a solução para integrar Goiás ao litoral. No processo de ocupação e transformações do espaço das margens do rio Araguaia, nota-se que há uma espécie de mobilização política constante por incentivo do capital estrangeiro, tratando-se de um poder simbólico que reaparece sob forma transformada e legitimada em uma nova classe no limiar do século XX.

> A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: as fracções dominantes, cujo poder assenta no capital econômico, têm em vista impor a legitimidade de sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, quer por intermédio dos ideólogos conservadores os quais só verdadeiramente servem os interesses dos dominantes *por acréscimo*, ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social. (BOURDIEU, 1996, p.12).

Após a revolução de 1930, o discurso de ordem se dá pela competência das palavras, e não apenas pelo capital simbólico através das ideias desenvolvimentista de Getúlio Vargas. Sua política económica tentava de certo modo propiciar o desenvolvimento dos locais intitulados “espaços vazios”. Bourdieu (1996) afirma ser necessária a presença de universos nos quais as estruturas objetivas sejam capazes de se reproduzir nas estruturas mentais, no entanto Bourdieu não nega a presença de conflitos no processo de construção dessas ideias, como no caso da desconsideração das áreas indígenas.

A política de Vargas ficou conhecida como a “Marcha para o Oeste” e vinculada a esta, está a expedição Roncador-Xingu, sob a direção de Candido Rondon e acompanhada pelos irmãos vilas Boas, afirma Maia (2005, p. 214). Essa expedição colocava-se pela primeira vez no ano de 1943, no período da segunda guerra mundial, oficialmente para além do Araguaia, rio que até então, se constituía na fronteira limite do desenvolvimento e ocupação espacial, conhecidos. Nesse sentido, as diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta simbólica para imporem a definição do mundo social em conformidade com seus interesses.

> Os sistemas simbólicos distinguem-se fundamentalmente conforme sejam produzidos e, ao mesmo tempo, apropriados pelo conjunto do grupo ou, pelo contrário, produzidos por um corpo de *especialistas* e, mais precisamente, por um campo de produção e de circulação relativamente autónomo. (BOURDIEU, 1996, p. 12).

A marcha para o Oeste promoveu a ideia de povoar as margens do Araguaia e ressurge com as ações de transformações em Goiás e as novas vias de penetração no sul do estado e

ISSN 2447-9357

promoveu ainda, a abertura de estradas de rodagem, a construção de pontes e a obtenção de financiamento para compra de terras, além de subsídios para a produção agrícola e pecuária. Mais uma vez o desenvolvimento econômico estava reformulado pelos bandeirantes do século XX. Mas ainda assim, com as velhas ideias do passado, em transformar a paisagem do rio Araguaia em uma frente agropastoril para o desenvolvimento do capital.

Posteriormente a transferência da capital do país – Brasília - para solo goiano, por Juscelino Kubitschek como forma de interiorizar o desenvolvimento econômico do Brasil foi outro fator que contribuiu para a perspectiva do desenvolvimento econômico do estado de Goiás. Com isso ampliou-se ainda mais com a construção da BR 153, esta ação significou o ponto de união entre Goiás e o restante do Brasil de norte a sul, desse modo estavam lançadas as bases de "Impulso a Modernidade". Assim, podemos recorrer a Bourdieu (1996) para pensar o papel das distancias espaciais no espaço social do Araguaia, uma vez, que as distancias espaciais no papel equivalem as distâncias sociais.

Durante as décadas de 1960 e 1970, a região do rio Araguaia representou o reflexo de um conjunto de mudanças, pois juntamente com o avanço da "propriedade" de criação de gado, iam se instalando também os posseiros, mais tarde chamados de ribeirinhos, que advinham de fracassos da extração da borracha no início do século XX, da extração de diamantes ou fugindo da seca nordestina. O espaço de posições sociais torna a se movimentar neste período, pela intermediação do espaço de disposições ou do *habitus*[3].

> Em outros termos, ao sistema de separações diferenciais, que definem as diferentes posições nos dois sistemas principais do espaço social, corresponde um sistema de separações diferenciais nas propriedades dos agentes (ou de classes construídas como agentes), isto é, em suas práticas e nos bens que possuem. (BOURDIEU, 1996, p.21)

Os ribeirinhos também eram fornecedores de mão de obra para as grandes propriedades e para os turistas que iam aumentando com a abertura de novas estradas. A partir disso o espaço de posições se retraduz, Bourdieu (1996, p.21) coloca que essa questão se dá a partir de um sistema de "separações diferenciais" nas propriedades dos agentes, ou seja, em suas práticas e nos bens que possuem, visto que "uma das funções da noção de *habitus* é a de dar conta da unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes".

[3] Na concepção de Bourdieu, *Habitus* é um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas BOURDIEU, 1996, P. 21).

ISSN 2447-9357

A presença dos ribeirinhos trouxe modificações nas práticas de comércio e de lazer no Araguaia o avanço destes ocasionaram consequências como o desmatamento, a destruição da fauna a da ictniofauna. Visto que, na década de 1960 aparecem as primeiras construções hoteleiras a fim de atrair turistas para a prática de pesca. Uma destas construções foi o hotel lago das Cangas (1962) localizado na região do médio Araguaia e o hotel JK, na ilha do Bananal, esta construção do Hotel JK (1961) foi a primeira grande ação governamental que enxergou o rio Araguaia como objeto turístico a ser explorado.

Com a nova visão voltada para o rio Araguaia, iniciava-se também a prática cultural dos acampamentos em suas praias. Porém, a prática de acampar no Araguaia surge com base e modelo dos acampamentos sazonais Karajá, em busca de melhores pontos de pesca de peixes e de tartarugas, nos lagos, nas praias e nos tributários do rio. Os não índios foram aos poucos se apropriando dos espaços das praias e utilizando os indígenas como guias. Nos dias atuais, os ribeirinhos cumprem esse papel. Segundo Bourdieu (1996, p.24) o que ocorre nesses espaços são construções sociais que vão se moldando com o tempo de forma invisível, assim a expectativa criada para o rio Araguaia na modernidade se desvincula daquela pensada no século XIX, o progresso reunia expectativas para desenvolver o Araguaia no sentido de navegação, mas as experiências de objeção contra a natureza são diferentes no futuro. Segundo Maia (2005, p. 341) a nova forma de apropriação desse rio, agora torna-se quase lei, "a sociedade passou a encara-lo com mais amor", para um aproveitamento racional voltado para as práticas de lazer.

O espaço social do rio Araguaia, ganha status de espaço simbólico na contemporaneidade por agentes que ocupam o rio a partir da distribuição de tipos específicos de capitais (econômico, político ou cultural). Nessa lógica percebe-se que os agentes passaram a ver o Araguaia como uma nova representação da natureza pela delimitação de um conjunto, com posições diferentes das posições mais altas no espaço social. Mas para construir um espaço social como o rio Araguaia é preciso verificar três dimensões fundamentais constatada por Bourdieu:

> Na primeira dimensão, os agentes se distribuem de acordo com o volume global do capital possuído, aí incluídos todos os tipos; na segunda, de acordo com a estrutura desse capital, isto é, de acordo com o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no conjunto de seu patrimônio; na terceira, de acordo com a evolução, no tempo, do volume e da estrutura de capital. (BOURDIEU, 1996, p. 30).

As posições ocupadas pelos agentes frequentadores do rio Araguaia se estabelecem pela intermediação do *Habitus* dos ocupantes, a partir do ponto de vista de suas práticas culturais, de consumo, e da influência política e midiática que passaram a ver na oportunidade

ISSN 2447-9357

de apropriação de bens e serviços um estilo de vida, caracterizado aqui como *capital político* "que assegura a seus detentores, uma forma de apropriação privada" no uso das praias. Para Bourdieu (1996), trata-se do produto de estruturas profundas. Temos, inscritos em nós, os princípios geradores e organizadores das nossas práticas e representações, das nossas ações e pensamentos onde os indivíduos são agentes à medida que atuam e que sabem, que são dotados de um senso prático, um sistema adquirido de preferências.

A contemporaneidade juntou o empreendimento agropecuário e o turismo, como atividades capazes de impulsionar economicamente o vale do Araguaia. Nesse sentido, uma ideologia político-econômica empreende ao Araguaia uma vocação voltada para o lazer, visando condições de ganho econômico à semelhança dos ciclos anteriores. Segundo Ramos (2011, p. 59) "em relação às políticas do "ciclo do turismo", estas se limitam a enaltecer apenas os aspectos econômicos da atividade, em detrimento à importância afetiva e cultural na história dos goianos", cuja a Relação com o Araguaia ocorre desde meados do século XX.

O aumento do interesse das pessoas a quererem frequentar o rio Araguaia e utiliza-lo para fins de lazer deste a década de 1990 não é mais a dominação da fauna e de suas matas e sim a pesca, o acampamento nas praias, descanso e entretenimento ao sol das areias quentes e pôr do sol deslumbrante. Sobretudo em áreas próximas a Aruanã, Nova Crixás, Aragarças, Britânia e São Miguel do Araguaia, todos munícipios pertencentes a Goiás. O Rio Araguaia torna-se um *lugar de possíveis*, "é o que faz com que os produtores de uma época sejam ao mesmo tempo situados, datados e relativamente autônomos em determinações diretas do ambiente econômico e social" (BOURDIEU, 1996, p. 53).

Atualmente, a paisagem do Araguaia é apropriada por uma variedade de acampamentos, e o período mais marcante são as temporadas de férias em julho. O rio é caracterizado neste momento como "a praia dos goianos" pela mídia, comércio, movimentos espontâneos e governo do Estado. Constituindo-se em uma forma de mobilização e ação, especifica do poder simbólico. O reconhecimento das ações sociais praticadas pelos agentes que frequentam o rio Araguaia se dá em contextos de sociedades urbanas e industrializadas, em que os indivíduos procuram dentro de suas próprias condições culturais e econômicas momentos de lazer e reconforto psicológico da vida cotidiana dos centros urbanos. Quanto as políticas públicas estas se apresentam, na perspectiva do fomento e fortalecimento de apropriação das atividades turísticas com ações para evidenciar ainda mais o rio Araguaia enquanto área de lazer.

ISSN 2447-9357

O mito da natureza selvagem no Araguaia, que em outrora se constitui em elemento justificador das práticas de apropriação para a navegação, no final do século XX e início do XXI, se transmuta para outro sentido, apoiado em um discurso ambientalista mundial, manifestado sobretudo pela mídia possibilitaram normas que reconfiguraram uma nova proposta para o uso do Araguaia. A mudança das práticas se tornam simbólica e material na constituição dos acampamentos, fato que torna possível a continuidade de retornar ao rio constituindo-se como fator de tradição, acampar. Especialmente, para os habitantes do meio urbano, que passaram a vislumbrar o rio Araguaia como "praia dos goianos.

Conclusão

Neste artigo pretendeu-se realizar apenas algumas reflexões a respeito da ocupação do rio Araguaia, utilizando a teoria de espaço social e simbólico na concepção de Bourdieu, incluindo neste um pequeno esboço dos conceitos de *habitus*, Estado, capital e região. Na história regional buscou-se as representações da paisagem do rio Araguaia, uma vez que estas não constituem, discursos neutros, ao contrário produzem estratégias e práticas (sociais e políticas) capazes de legitimar os projetos de apropriação do espaço deste rio desde o processo de colonização do Brasil, pois segundo a lógica do mundo social em Bourdieu, esta não é possível sem partir de uma realidade empírica.

Pensado essa realidade empírica do imaginário de prosperidade nas diferentes etapas de ocupação das margens do rio Araguaia, a navegação ficou caracterizada como força motriz dos deslocamentos e a comunicação do sertão goiano com o litoral acompanhada de políticas voltadas para criação a princípio dos aldeamentos indígenas e os presídios, no intuito de aumentar e dispersar a população integrando-a ao processo de colonização. O poder simbólico foi utilizado neste estudo, a fim de, estabelecer uma relação de entendimento dos fatos ocorridos às margens do rio Araguaia e desenvolvimento do capital político em determinado momento como propriedades inerentes a eles. Visto que, tais práticas são dadas como propriedades que lhes cabem em um momento dado, a partir das posições que os sujeitos ocupam em um espaço social determinado e em uma dada situação de oferta de bens e práticas possíveis.

Durante o período republicano (capital político), o discurso de modernização para a região do Araguaia aparece sob a forma de capital estrangeiro, e a perspectiva deste se volta para as vias de comunicação terrestre, que aventurarm-se na estrada de ferro como a solução para integrar Goiás ao litoral. O poder simbólico reaparece sob forma transformada e

ISSN 2447-9357

legitimada em uma nova classe dominante que surge no limiar do século XX, cujo o poder é assegurado pelo capital econômico.

Por meio deste artigo percebe-se que após a revolução de 1930, o espaço simbólico se apresenta no discurso e nas ideias desenvolvimentista de Getúlio Vargas e a Marcha para o Oeste, como uma tentativa de propiciar o desenvolvimento dos locais intitulados "espaços vazios. Na visão de Bourdieu existe uma existência de conflitos no processo de construção de ideias como estas, uma vez que a região do Araguaia pertencia anteriormente aos povos indígenas que habitavam suas margens e mantinham práticas e ações distintas neste espaço social, em outras palavras nunca foi um "espaço vazio".

A partir da década de 1960 as posições sociais se movimentaram no espaço social e simbólico do Araguaia com a instalação dos povos ribeirinhos. Classificado neste trabalho como outra forma de *habitus* no sentido das diferentes posições dos agentes que se movimentaram ao longo do tempo nas margens do Araguaia. Posteriormente, o turismo aparece em décadas seguintes como uma ideologia político-econômica como uma das últimas tentativas capaz de impulsionar economicamente o vale do Araguaia à semelhança de ciclos de desenvolvimentos anteriores, mas com uma nova representação da natureza, com práticas voltadas para o lazer e entretenimento.

Ao que se refere aos acampamentos no Araguaia estes reconfiguram suas praias em uma nova leitura do mito da natureza selvagem. Seu espaço social e simbólico se faz na atualidade sobre a sombra dos discursos ambientalistas como elemento justificador das práticas de apropriação, sobretudo pela mídia e pelas políticas públicas que possibilitam normas para o uso do rio. Os acampamentos no Araguaia se apresenta como uma das maiores percepções de mudança das práticas sociais dos goianos. Tais práticas se tornaram simbólica e material no âmbito de sua construção. Esse fato torna possível a continuidade de retornar ao rio todos os anos, constituindo-se como fator de tradição, o *habitus* de acampar no espaço social do rio Araguaia.

Referências

BERTRAN, Paulo. *Formação econômica de Goiás*, Goiânia, Oriente 1978.

BOURDIEU, Pierre. *Espaço Social e Espaço Simbólico. O novo capital. Razões práticas: Sobre a teoria da Ação.* Campinas, SP: Papirus, 1996.

CARVALHO, Francisquinha Laranjeira. *Fronteiras e conquistas pelo Araguaia- século XIX*. 2ª edição. Goiânia: Kelpes, 2010.

ISSN 2447-9357

CHAUL, Narsr Nagib Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade- Goiânia: Ed. D*a UFG, 1997.

DOLES, Dalísia Elizabeth Martins. *As comunicações fluviais pelo Tocantins e Araguaia no Século XIX*, Editora Oriente, Goiânia, 1973.

MAIA, Valter Estácio Maia. Desenvolvimento Econômico de Goiás, 1ª edição, Ed.Kelps, Goiânia, 2005.

MAGALHÃES, Couto de. *Viajem ao Araguaia.* Editora Três, São Paulo, 1974.

MELO, Jonas Israel de Sousa. *O Rio Araguaia: Povoamento e mudanças na paisagem (1513-1967).* Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História. UFG. Goiânia, 2000.

RAMOS, Laura Mariana Jaime. *Romaria das Águas [manuscrito]: ambiente, afeto e representações nas praias do Rio Araguaia-GO*/ Tese de doutorado. UFG. – Goiânia 2011.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp. (2002).

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação as plantas e aos animais (1500-1800).* São Paulo: companhia das letras, 2010.